

A Estrutura do Apocalipse de João

Valtair A. Miranda

Resumo

O livro do Apocalipse de João é um livro com inúmeras propostas de estrutura por parte dos estudiosos. Esta profusão de alternativas, entretanto, não consegue minimizar a constatação de que seu autor ou redator tenha realmente deixado marcas de estrutura e mecanismos que ajudassem os ouvintes a acompanharem a narrativa. Para apontar alguns caminhos, quatro propostas, representativas de correntes de leitura do livro, são analisadas no corrente artigo.

Palavras-chave: Apocalipse de João, Literatura Apocalíptica, Escatologia, Interpretação do Novo Testamento.

Abstract

The Structure of John's Apocalypses

Revelation is a book open to a number of alternatives for the purpose of structural studies. However, this variety of possibilities does not manage to minimize the fact that the writer leaves structural marks and mechanisms to enable the addressee to follow the narrative. The presenter chooses four proposals, which are representative of different ways (currents) for reading the book, to be analyzed in the present work.

Key words: John's apocalypses, apocalyptic literature, scatology, New Testament interpretation.

Introdução

O Apocalipse é um livro difícil de ser esboçado. Curiosamente, numa primeira leitura, ele dá a impressão do contrário. Logo em 1.19 surge a frase: "Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas." Parece que essa expressão teria alguma importância no esquema do livro. Essa sensação é reforçada pelas séries de imagens numeradas que aparecem no livro: sete cartas, sete selos, sete trombetas e sete taças.

Ledo engano! Esta impressão sucumbirá no emaranhado de visões que serão despejadas depois de 4.1. É difícil perceber alguma linearidade ou sequência contínua. As imagens são interrompidas com frequência ou intercaladas por interlúdios. Além disso, há um número grande de retomadas ou repetições temáticas ou textuais.

Entretanto, imaginar o livro como uma profusão desconexa de visões também não faz juz à convicção generalizada de que o livro foi escrito para ser lido e ouvido no contexto de culto. O macarismo de 1.3 insinua que uma era a boca, e vários eram os ouvidos que percorriam as palavras do Apocalipse: "Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo."

Neste sentido, espera-se realmente que seu autor ou redator tenha deixado marcas de estrutura e mecanismos que ajudassem os ouvintes a acompanharem a narrativa.¹ Para tentar apontar alguns caminhos, vou apresentar a forma como alguns autores e autoras trataram este problema.

Em torno do mito de combate

Adela Yarbro Collins é uma autora que se dedicou a estudar o Apocalipse de João. Já produziu inúmeros artigos e obras em torno dele.² Ela argumenta que o Apocalipse possui, apesar de todas as dificuldades, uma estrutura definida e coerente que giraria em torno dos temas do mito de combate.³

Esse mito de combate teria aparecido em várias culturas do antigo Mundo Mediterrâneo. Nele, uma criatura animalesca representa as forças do caos social e da esterilidade, enquanto um campeão representa a ordem e a fertilidade. Segundo Collins, este mito foi adaptado para interpretar uma situação de conflito e de perseguição subjacente ao livro do Apocalipse. Como resposta a essa situação, o livro advogaria a estratégia da não-violência e do martírio idealizado.

Para Collins, então, o Apocalipse foi cuidadosamente planejado pelo seu autor, através de alguns recursos organizadores. Um desses recursos aparecem na forma das séries de sete, uma espécie de chave de leitura.⁴ Em torno dessas séries, ela define o seu esboço do Apocalipse de João:⁵

- Prólogo: 1.1-8
 - Prefácio 1.1-3
 - Prescrição e ditos 1.4-8
- As sete mensagens 1.9-3.22
- Os sete selos 4.1-8.5
- As sete trombetas 8.2-11.19
- Sete visões não-numeradas 12.1-15.4
- As sete taças 15.1-16.20
 - Apêndice da Babilônia 17.1-19.10
- Sete visões não-numeradas 19.11-21,8
 - Apêndice de Jerusalém 21.9-22.5
- Epílogo 22.6-21
 - Ditos 22.6-20
 - Bênção 22.21

Um segundo recurso organizador do livro é o fenômeno da interligação.⁶ Algumas seções possuem partes que tanto fecham uma seção quanto introduzem a próxima. Este

¹ ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, 34, p. 11: “Num texto que foi destinado primeiro a ser ouvido, a estrutura deve ser claramente indicada por marcas lingüísticas, que podem demonstrar a unidade das partes principais, mas também indicar uma estrutura clara do livro necessária para os destinatários encontrarem o seu desenvolvimento interno da visão que é apresentada”.

² COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001. 291 p.; COLLINS, Adela Yarbro. *Crisis & Catharsis. The power of the Apocalipse*. Philadelphia: The Estminster Press, 1984, 179 p.; COLLINS, Adela Yarbro. *Cosmology and eschatology in jewish and christian apocalypticism*. Leiden: Brill, 2000. 261 p.

³ COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001, p.

1.

⁴ COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.*, p.13.

⁵ *Ibid.* p.19

⁶ *Ibid.* p.16

recurso aparece em quase todas as séries, mas pode ser muito bem demonstrado em 8.1-5, que tanto fecha os sete selos quanto introduz as sete trombetas. As sete trombetas parecem ser o resultado direto do sétimo selo.⁷

Um terceiro recurso organizador pode ser encontrado na forma dos dois livros: o livro selado com sete selos, e o livro que vem a ser comido pelo vidente.⁸ Segundo Collins, há indicações literárias suficientes para demonstrar que o Apocalipse é dividido em dois grandes blocos, em torno desses dois livros: 1.9-11.19 e 12.1-22.5.⁹ Essas indicações seriam: a) O paralelo entre a comissão de 1.9-3.22 e a segunda comissão no capítulo 10;¹⁰ b) o contraste entre os dois livros. O primeiro é mencionado como selado com sete selos (cap. 5) e o segundo é dado aberto para comer (cap. 10);¹¹ c) os dois livros foram intermediados por personagens celestiais: o cordeiro no primeiro caso, e um poderoso anjo no segundo.

Na primeira comissão (1.9-3.22), o vidente é comissionado a transmitir não apenas as sete cartas, mas o conteúdo do primeiro livro inteiramente, ou seja, as visões que começam em 4.1.¹² Este livro é uma epístola celestial, na forma de livro de destino. Em outras palavras, ele é uma tábua de eventos futuros.¹³ Os sete selos enfatizam simbolicamente a intensidade do segredo do conhecimento sobre os eventos do porvir.¹⁴ O conteúdo desse livro escatológico é dado através de duas séries de sete visões (selos e trombetas).

Sobre o pequeno livro aberto (10.11), ele é uma referência à mensagem que será dada através das séries de visões posteriores ao capítulo 12.¹⁵ Seu conteúdo aparece na forma de três séries de sete elementos: uma primeira série não-numerada, as sete taças, uma segunda série não-numerada.¹⁶

Isso significa que o Apocalipse pode ser dividido em dois ciclos de visões, com cada ciclo subdividido em três séries de sete elementos. Dentro desta estrutura, 12.1 destaca-se como o ponto central.¹⁷

Um quarto recurso organizador, que perpassa todo o livro, é o fenômeno da recapitulação. Há duas formas dele se manifestar. A primeira é através da recapitulação temática: a) perseguição; b) punição das nações; c) triunfo de Deus, do cordeiro e dos crentes.¹⁸

Um outro meio é através dos paralelos entre os dois grandes ciclos.¹⁹ Neste sentido, o primeiro ciclo conta a história de forma alusiva, fragmentária e velada; já o segundo ciclo, o faz de forma clara e com mais detalhes.²⁰ O primeiro ciclo é vago, misterioso e fragmentar em vários pontos. Por isso ele é simbolizado por um livro selado; já o segundo é claro, e caracterizado por um livro aberto.²¹ O que é esboçado no primeiro, é descrito no segundo.²²

⁷ Ibid. p.18.

⁸ Ibid. p.19

⁹ Ibid. p.20

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

¹³ Ibid. p.24.

¹⁴ Ibid. p.25.

¹⁵ Ibid. p.27

¹⁶ COLLINS, Adela Yarbro. *op. cit.* p.30

¹⁷ Ibid. p.20.

¹⁸ Ibid. p.32.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid. p.32-33.

²¹ Ibid. p.33.

²² Ibid. p.43.

O Apocalipse queria, com as recapitulações, enfatizar um tema principal. A espinha dorsal deste esquema é o movimento temático da perseguição para a salvação, passando pelo combate.²³

O arrebatamento em espírito

José Adriano Filho discutiu a estrutura do Apocalipse num artigo da Revista Ribla.²⁴ Este autor vê a chave da estrutura do Apocalipse na frase “arrebatado em espírito” (1.10; 4.1-2; 17.3; 21.10).²⁵ Sua primeira ocorrência introduz a visão do Cristo exaltado. A segunda ocorrência se refere à visão inaugural do céu e às três séries de pragas escatológicas (selos, trombetas e taças).²⁶ A ligação entre os capítulos 4-16 estaria no fato de que o sétimo membro de cada série de pragas liga-se uma a outra, bem como, com a visão do trono de Deus (cap. 4), por meio da fórmula que menciona os trovões, terremotos e tempestades.²⁷

Neste caso, como entender o bloco de 12-14, que separa as trombetas das taças? Para Adriano Filho, a ligação é feita com 11.19a (“Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário”), repetido em 15.5 (“Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho”). Ao mesmo tempo, 11.19b (“e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada”) é ampliado no relato das taças (16.17-21).²⁸ Isso significa que, apesar da intervenção destes capítulos (a mulher, o dragão e as bestas), a seqüência de taças segue a narrativa da última trombeta.²⁹

Dito de outra forma, os capítulos 12-15 tratam de forma mais ampla e completa dos personagens que foram introduzidos em 7.1-17 e 10.1-11.13, ou seja, o povo de Deus em seu conflito com as forças de opressão e oposição a Deus.³⁰

Na argumentação de Adriano, as três séries de pragas formam um estreito paralelo.³¹ Para reforçar isso visualmente, o autor construiu um quadro sinóptico das três séries de julgamento:

Selos (Ap. 6)	Trombetas (Ap. 8-9)	Taças (Ap 16)
Ap. 4-5 Deus, o livro com os sete selos. O cordeiro recebe o livro	Ap. 8.2-6 Sete trombetas, sete seres celestiais (anjos)	Ap. 15.1-16.1 Sete taças, sete seres celestiais (anjos)
Ap. 6.1-2 O cavalo branco e o seu cavaleiro que, com um arco e foice, saiu vencendo e para vencer	Ap. 8.7 (Êx. 9.13-25) Saraiva, fogo com sangue na terra. 1/3 da terra, árvores e ervas verdes queimadas	Ap. 16.2 (Êx. 9.8-12) Sobrevêm úlceras malignas e perniciosas aos que têm a marca da besta e que adoram a sua imagem
Ap. 6.3-4 O cavalo vermelho e o seu cavaleiro com uma espada para tirar a paz da terra.	Ap. 8-9 (Êx. 7.14-25) Uma grande montanha ardendo em chamas foi lançada ao mar. 1/3 do mar tornou-se sangue, 1/3 das criaturas do mar morreu, 1/3	Ap. 16.3 (Êx. 7.14-25) O mar tornou-se em sangue e toda criatura que nele existia morreu

²³ Ibid. p.44.

²⁴ ADRIANO FILHO, José. *op. cit.* p. 7-29.

²⁵ Ibid. p. 11.

²⁶ Ibid. p. 14.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid. p. 15.

²⁹ Ibid. p. 15.

³⁰ ADRIANO FILHO, José. *op. cit.* p. 19.

³¹ Ibid. p. 17.

	das embarcações destruídas.	
Ap. 6.5-6 O cavalo preto. O seu cavaleiro com uma balança na mão. Uma voz diz anuncia preços para produtos alimentícios.	Ap. 8.10-11 Uma grande estrela ardente como uma tocha cai sobre a terça parte dos rios e fontes de águas; as águas se tornam amargas; muitos homens morrem.	Ap. 16.4 (Êx. 7.14-25) As águas dos rios e fontes se tornam em sangue
Ap. 6.7-9 O cavalo amarelo. O seu cavaleiro chama-se morte e o inferno o estava seguindo. Ele tem autoridade para matar.	Ap. 8.12 (Êx. 10.21-29) Foi ferida a terça parte do sol, da lua e estrelas para que eles não mais brilhassem.	Ap. 16.8-9 O sol queima os homens com fogo, mas estes não se arrependem e blasfemam.
Ap. 6.9-11 As vidas clamam sob o altar.	Ap. 9.1-11 (Êx. 10.1-20) Uma estrela cai sobre a terra. O anjo recebe a chave do poço do abismo. Gafanhotos torturam aqueles que não têm o selo de Deus.	Ap. 16.10-11 (Êx. 10.21-29) A taça é derramada sobre o trono da besta, convertendo-o em trevas. A humanidade não se arrepende e amaldiçoa a Deus.
Ap. 6.12.17 Grande terremoto: sol, lua, estrelas, céu e montanhas são abalados. Chegou o dia da ira e do cordeiro.	Ap. 9.13-21 Quatro anjos junto ao Eufrates são soltos para matar 1/3 dos homens com fogo, fumaça e enxofre.	Ap. 16.12-16 (Êx. 7.26-28; 11) As águas do Eufrates secam, para abrir caminho para os reis do leste; três espíritos imundos.
Ap. 8.1 'Silêncio no céu por meia hora. Trovões, vozes, relâmpagos e terremoto	Ap. 11.15-19 Vozes no céu: o reino do nosso Senhor e do seu Cristo. Hino, céu aberto. Arca, relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e saraiva.	Ap. 16.17-21 (Êx. 9.13-35) Taça derramada no ar. Uma grande voz anuncia que está feito. A queda da Babilônia. Relâmpagos, vozes, trovões, terremoto.

Ele sintetiza a mensagem das séries de sete da seguinte forma: os selos marcam o início da realização da justiça de Deus na história; as trombetas anunciam o juízo do Dia do Senhor e a aproximação do julgamento sobre a terra, visando ao arrependimento; as taças são o julgamento de Deus sobre seus adversários.³²

A terceira ocorrência da expressão “no espírito” (17.3) introduz a narrativa da derrota dos adversários do povo de Deus e do cordeiro. Um grande espaço é dado para descrever a queda da Babilônia, a grande prostituta, bem como do dragão, aquele que está por trás de todo o infortúnio dos santos. O sangue dos mártires será, então, efetivamente vingado.

Finalmente, em 21.10 (a última ocorrência do arrebatamento joanino), surge a Nova Jerusalém. Esta derradeira parte do livro, curiosamente a menor delas, é dedicada a descrever o estado final depois da intervenção gloriosa de Deus e do seu Cristo. Desta forma, Adriano entende que a espinha dorsal do Apocalipse está no desenvolvimento progressivo na narrativa, que culmina no julgamento da Babilônia e no surgimento da nova Jerusalém.

³² ADRIANO FILHO, José. op. cit. p. 19-20.

Estrutura Dramática em Atos Cênicos

Um autor conservador americano, Edward McDowell, escreveu um comentário baseado na premissa de que o Apocalipse forma um drama estruturado em atos cênicos. Para ele, o livro é formado por uma série de quadros formadores idealizadores de cenas.³³ É como se fosse uma grande peça teatral montada para trazer aos leitores-ouvintes-platéia o grande drama da soberania de Deus. Seu esboço do Apocalipse ficou assim:³⁴

INTRODUÇÃO, 1-3

I – Credenciais e do autor e propósito, 1

II – Cartas às sete igrejas, 2-3

PRIMEIRO ATO – Deus proclama sua soberania sobre o mundo, 4-11

1ª cena: a visão da Corte Celestial, 4-5

2ª cena: os seis selos: o drama do sofrimento humano, 6

3ª cena: prelúdio na ruptura do sétimo selo, 7

4ª cena: o sétimo selo (as trombetas – a tragédia da humanidade impenitente),

8-9

5ª cena: o profeta e o livro, 10

6ª cena: medição do Templo, os dois profetas e o grande terremoto, 11.1-14

7ª cena: a sétima trombeta: proclamação da soberania de Deus sobre o mundo,

11-15-19

SEGUNDO ATO – O conflito entre soberanias e a vitória de Deus, 12.1-22.5

1ª cena: o nascimento do Messias e Satã, 12

2ª cena: Satã luta contra Cristo por meio das duas bestas, 13

3ª cena: sete certezas sobre o grande conflito entre Cristo e Satã, 14

4ª cena: visão dos setes anjos com as taças da ira de Deus, 15-16

5ª cena: o julgamento de Babilônia, 17.1-19.5

6ª cena: a vitória de Cristo sobre Satã e as bestas, 19.6-20.10

7ª cena: O juízo, o novo céu, a nova terra e a nova Jerusalém, 20.11-22.5

EPÍLOGO, a conclusão do livro, 22.6-21

O autor entra na discussão do primeiro ato alertando para o fato de que as cousas reveladas no Apocalipse não pertencem à esfera do tempo.³⁵ Para ele, o livro descortina um drama cósmico que pertence, em parte, ao contexto histórico. Entretanto, ênfases em esquemas cronológicos podem violar o espírito do livro.³⁶

No Apocalipse, Cristo tem a chave dos mistérios contidos no rolo selado. Somente ele conquistou o direito de revelar esses mistérios e interpretá-los.³⁷ Os selos seriam, então, uma cena de natureza essencialmente contudística. Ou seja, não é o quebrar dos selos que detona os acontecimentos; este ato os revela.

O autor intitula os seis selos de “o drama do sofrimento humano”. O objetivo destas imagens era revelar, e, desta forma, confortar os leitores através da afirmação de que, apesar da situação de crise, Deus tinha tudo sob controle. Estas visões interpretam certos fatos e incidentes históricos contemporâneos às comunidades da Ásia Menor no final do primeiro século em sua relação com o evangelho de Jesus Cristo e com a soberania de Deus.³⁸ De qualquer forma, toda a construção é simbólica. João espera para breve os eventos, mas não fixa data nem prazo.

³³ MCDOWELL, E. A. *A soberania de Deus na história: a mensagem e significado de Apocalipse*. Rio de Janeiro: JUERP, 1980, p. 28.

³⁴ Ibid. p. 28-30.

³⁵ MCDOWELL, E. A. *op. cit.* p. 67.

³⁶ Ibid.

³⁷ Ibid. p. 73.

³⁸ Ibid. p. 77.

O sétimo selo tem dentro de si toda uma série de sete trombetas, que representam a tragédia da humanidade impenitente. Estes flagelos têm uma limitação precisa e simbolizam a operação contínua, na história da humanidade, dos efeitos do pecado e do mal.³⁹

Com a sétima trombeta, finalmente afirma-se a soberania de Cristo sobre o mundo, efetiva e permanentemente. Esta visão representa o estabelecimento do reino de Deus, em Cristo, com o nascimento do Messias e a consumação do seu ministério sobre a terra.⁴⁰

A segunda parte do livro começa no capítulo 12, com a cena da mulher e o dragão. É uma cena que dramatiza o nascimento do Messias e o começo do seu reinado eterno.⁴¹

Para McDowell, a mulher representa Israel, ou aquela porção de Israel da qual nasceu o Messias. É verdade, entretanto, que quando está sendo perseguida pelo dragão, aparentemente, já representa a comunidade cristã. Ele argumenta que, num contexto judaico, esta cena deveria ser lida como uma referência ao nascimento do Messias da nação; mas no seu contexto atual e cristão, refere-se ao nascimento de Cristo.⁴²

A narrativa da queda do dragão não é, necessariamente, da sua derrota, mas da sua invasão da história humana, já que ele encarnará nos cézares e sua obstinada resistência ao povo de Deus. O conflito na terra é entre a cristandade e os impérios, e, neste caso, entre Cristo e Satã. Com isso, João está lidando de frente com o problema da adoração do imperador, que afetava as igrejas daquele período.⁴³ Objetivamente, McDowell interpreta a primeira besta como o imperador, ou os cézares, e a segunda besta como o sacerdote do imperador, ou os oficiais do culto imperial.⁴⁴ Ele afirma que o poder dos sacerdotes do culto imperial era tão grande que podiam impor ostracismo social e econômico sobre aqueles que recusassem participar do culto ao imperador.⁴⁵

Quanto às taças, elas representam o derramar efetivo da ira de Deus sobre o governo idólatra da terra. Neste contexto, Babilônia representa Roma, que prefigura qualquer governo humano que se levanta contra Deus ou que assuma posição divina.

Nos capítulos 17-19, da mesma forma como o povo de Deus já aparecera simbolizado por uma mulher, a cidade de Roma surge na forma de uma grande meretriz.⁴⁶ É uma descrição profética da queda de Roma, uma profecia que se cumpriu na longa série de desastres que a cidade de Roma sofreu nas mãos das hostes que invadiram o Ocidente nos séculos V e VI.⁴⁷

Mas se João descrevia a queda de Roma como um evento profético, esperado para breve (ocorrido alguns séculos depois), esperaria ele também a vinda de Jesus para aqueles dias? Seria seu livro um relato profético frustrado? McDowell responde que João usou o estilo apocalíptico, mas não compartilhava inteiramente com a sua visão de fim. O estilo apocalíptico se adaptava maravilhosamente bem ao seu propósito. Não era somente um simbolismo que protegeria os leitores, caso fossem acusados de sedição, como também constituía uma forma literária ideal para expressar a mensagem dramática que lhe incumbia transmitir.

O livro profetiza a conquista de Cristo das soberanias do mundo, mas através da sua palavra pregada. É através dela que ele continua sua conquista na história.⁴⁸ Neste sentido, o milênio é o período compreendido entre a primeira e a segunda vinda de Jesus. Satanás está

³⁹ Ibid. p. 90.

⁴⁰ Ibid. p. 104.

⁴¹ Ibid. p. 112.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid. p. 117.

⁴⁴ Ibid. p. 120.

⁴⁵ MCDOWELL, E. A. *op. cit.* p. 121.

⁴⁶ Ibid. p. 139.

⁴⁷ Ibid. p. 143.

⁴⁸ Ibid. p. 152.

limitado, mas não destruído.⁴⁹ O período de mil anos, segundo o Apocalipse, começou com a entronização de Cristo como Messias à destra de Deus. No pensamento dos cristãos daquele período, o reinado messiânico era um reinado espiritual, e não um reinado temporal de Cristo sobre a terra.⁵⁰

McDowell vê no Apocalipse, assim, toda história cristã interpretada em função de um conflito entre o bem e o mal. Uma situação sem solução, a não ser aquela intervenção cósmica dos últimos tempos. Mas é justamente essa intervenção a menor parte do livro. Quando o livro termina, João já registra o estado da nova realidade em Cristo, após a consumação. A parousia já aconteceu, mas o Apocalipse não a registrou ou descreveu. Possivelmente, a preocupação maior de João era mesmo com o conflito do seu próprio tempo. O tempo do fim pertence somente a Deus.

Estrutura retórica Quiástica

Elizabeth Schüssler Fiorenza é uma importante autora que faz algo que ela mesma chama de leitura liberacionista, teológica e feminista do Apocalipse.⁵¹ Para ela, as interrelações, repetições, e reelaborações de imagens e símbolos geram uma configuração que precisa ser entendida como um artifício retórico. Ela esclarece que o termo retórico, na sua obra, deve ser entendido como a arte e a força da persuasão.⁵²

Para ela, o Apocalipse é o resultado de uma intensa troca cultural e argumentativa entre João e sua audiência, determinada pela situação social, política, religiosa e cultura de ambas as partes.⁵³ Isso faz com que cada parte do livro tenha sido preparada para facilitar a memorização e a apresentação pública, com o fim de produzir mudanças nos ouvintes.

É perigoso, neste caso, estudar o livro em partes. A melhor estratégia seria entendê-lo como uma sinfonia, que só produz o efeito completo intentado pelo compositor se ouvida por inteiro,⁵⁴ ou como um quadro, onde a aproximação excessiva reduz a possibilidade de perceber o efeito idealizado pelo pintor.

Para facilitar o acompanhamento de sua obra dramática, João usou técnicas literárias, que usam números, séries, repetições, para conduzir o drama e acentuar as partes principais. O progresso da narrativa é, vez por outra, interrompido por uma intercalação (uma espécie de interlúdio) cujo conteúdo, em geral, é uma visão proléptica escatológica de proteção e salvação. Estas visões antecipatórias da vitória final dos justos relacionam a situação presente de perseguição com o futuro escatológico de salvação.⁵⁵

O livro de João se assemelha a uma espiral cônica que se move do presente da comunidade para o futuro escatológico. Com isto em mente, Fiorenza propõe um esboço quiástico para o Apocalipse, que, segundo ela, melhor corresponde ao seu estilo retórico.⁵⁶

A 1.1-8: Prólogo e saudação epistolar

1.1-3: Título

1.4-6: Saudação

1.7-8: Destino

⁴⁹ Ibid. p. 155.

⁵⁰ Ibid. p. 158.

⁵¹ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis: visión de un mundo justo*. Estella: Verbo Divino, 1997, p. 20.

⁵² Ibid. p. 39.

⁵³ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *op. cit.* p. 40.

⁵⁴ Ibid. p. 53.

⁵⁵ Ibid. p. 55.

⁵⁶ Ibid. p. 57.

- B 1.9-3.22: Situação retórica das cidades da Ásia Menor
 - 1.9-10: Autor e situação
 - 1.11-20: Visão profética inaugural
- 2.1-3.22: Mensagens proféticas às sete igrejas
- C 4.1-9.21; 11.15-19: Abertura do livro selado – Pragas do Êxodo
 - 4.1-5.14: Corte celestial e livro selado
 - 6.1-8.1: Pragas cósmicas: sete selos
 - 8.2-9.21; 11.15-19: Pragas cósmicas – sete trombetas
- D 10.1-15.4: O livro acre-doce: Guerra contra a comunidade
 - 10.1-11-11.14: Vocação profética
 - 12.1-14.5: Interpretação profética
 - 14.6-15.4: Libertação escatológica
- C' 15.5-19.10: Êxodo da opressão de Babilônia/Roma
 - 15.5-16.21: Pragas cósmicas: sete taças
 - 17.1-18: Roma e seu poder
 - 18.1-19.10: Juízo sobre Roma
- B' 19.11-22.9: Libertação do mal e cidade de Deus
 - 19.11-20.15: Libertação dos poderes do mal
 - 21.1-8: O mundo libertado de Deus
 - 21.9-22.9: A grande cidade diferente de Deus
- A' 22.10-21: Epílogo e marco epistolar
 - 22.10-17: Ditos revelatórios
 - 22.18-21: Conclusão epistolar

Para Fiorenza, o Apocalipse parece ser uma obra muito bem composta por um autor que estava convencido de uma grave crise no seu contexto, que escreve com a intenção de persuadir seus leitores e ouvintes a aceitarem sua interpretação da mesma. João pretendia, com seu livro, persuadir e empurrar um grupo de cristãos e cristãs para uma determinada posição frente ao contexto social em que viviam. O Apocalipse, com todo o seu emaranhado de visões e dramas desejava produzir resistência e esperança.⁵⁷

O centro temático do livro

Apesar das diferenças consideráveis de abordagem, as obras apresentadas estão sugerindo que o centro do Apocalipse está, de alguma forma, em torno dos capítulos 12-16. Esse núcleo é formado por uma série de três sinais vistos no céu. O primeiro deles (12.1) – um grande sinal no céu – é uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e doze estrelas na cabeça. O segundo (12.3) – um outro sinal no céu - é um grande dragão vermelho. O terceiro sinal só vai aparecer no capítulo 15.1: um outro sinal no céu, grande e maravilhoso. Apesar de desproporcionais em espaço no livro, os três sinais estão interligados diretamente.

É verdade que esta desproporção desaparecerá se virmos o primeiro sinal estendido aos filhos da mulher, o dragão aos seus dois animais, e os sete anjos às suas sete taças de juízo.

No seio dos três sinais, a mulher ocupa o lugar central, já que é ela que dá origem à série. É ela que gera o filho, que destruirá o dragão e as bestas. É também ela que enfrentará o dragão, através dos seus descendentes, que apesar de serem perseguidos pelos agentes do dragão, vencem-no através do testemunho, para finalmente cantarem o cântico de Moisés e do cordeiro (15.3s).

⁵⁷ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *op. cit.* p. 58.

O segundo sinal, o dragão, desdobrado em bestas, representa os inimigos do povo de Deus, na figura de estruturas político-religiosas opressoras. O terceiro sinal, os anjos com as taças, representam o juízo de Deus sobre os inimigos do povo de Deus.

O centro do Apocalipse, neste caso, manifesta-se como uma espécie de dramatização histórico-simbólica da crise que João percebia na sua sociedade. Ao lê-lo, os cristãos deveriam desviar os olhos da situação presente e estendê-los para o céu, de onde viriam as trombetas, as pragas, o noivo e a Nova Jerusalém. Dificilmente saberemos se esse objetivo foi alcançado nas igrejas que João tinha em mente. Apesar disso, outras, naquela época, durante a história, e ainda nos dias de hoje, ainda o usam como instrumento libertador. Com eles, somemos nossas vozes: Amém! Vem Senhor Jesus!

Bibliografia

ADRIANO FILHO, José. O Apocalipse de João como relato de uma experiência visionária. Anotações em torno da estrutura do livro. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, 34, pp.7-29.

COLLINS, Adela Yarbro. *The combath myth in the Book of Revelation*. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2001. 291p.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Apocalipsis: visión de un mundo justo*. Estella: Verbo Divino, 1997. 216p.

MCDOWELL, E. A. *A soberania de Deus na história: a mensagem e significado de Apocalipse*. 3a. ed. Trad. Robert G. Bratcher e W. Kaschel. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. 178p.